

MANUSCRITO: Crônicas  
TÍTULO: TROTSKY E OS BANHOS DE ESPUMA  
TOTAL DE PÁGINAS: 03  
DATA: 01 - 01 - 1988

TROTSKY E OS BANHOS DE ESPUMA

por Paulo Coelho

Depois de percorrer mais de 170 stands da III Bienal Internacional do Livro, no Riocentro, um menino de 10 anos comentava exausto com outro garoto de sua idade: "os desenhos são lindos, mas não vi nenhum cartucho de videogame".

Para este menino, retrato implacável de seu tempo, os milhares de livros com suas capas coloridas devem ter passado uma sensação muito semelhante à descrita por Jorge Luis Borges em A BIBLIOTECA DE BABEL; ou seja, que ali existia algo importante, mas que ele não sabia nem o que era, nem como encontrar. Mais do que uma reatenação irritada, a ~~frustração~~ <sup>frase</sup> do garoto é uma verdadeira síntese do perigo que ameaça atingir todos aqueles que produzem cultura nos dias de hoje: o divorcio entre o meio e a mensagem, entre o conteúdo e a forma.

Em matéria de consumo, não deveria existir nenhuma diferença entre um livro e uma lata de goiabada. Ambos são destinados ao público, e ambos deveriam merecer um tratamento mercadológico semelhante. Acontece, porém, que o escritor normalmente se considera uma entidade ~~superior~~ a parte, muito mais sério e mais importante do que aquele que mistura goiaba com açúcar, ferve, e faz um delicioso doce. Não consigo entender o porque desta superioridade da cultura, cujo único resultado prático é um crescente distanciamento do mundo, e a criação de um universo cada vez mais restrito, cheio de caquique e com pouco índio. Quando o menino que percorreu os stands da Feira vai procurar um videogame, não encontra no cartucho eletrônico as várias coisas bonitas que estão aprisionadas dentro de um livro, porque os Donos da Cultura se recusam a ampliar seus universos, a diversificar suas maneiras institucionalizadas de levar o que existe de sublime no pensamento humano. Se este mesmo menino, porém, fosse buscar estas coisas nas páginas de um livro, também não iria conseguir reconhecê-las. Isto porque ~~o~~ o escritor nunca pensa nos prazeres de uma boa goiabada: serve seu produto tecnicamente perfeito, mas sem açúcar e sem humor, como se o prazer e a popularidade fossem afetar de maneira negativa o seu prestígio. ~~Maximamente a cultura~~ ~~é~~ tirando o prazer, ele tira também qualquer possibilidade de atingir as milhões de pessoas que já amargam muitas horas de seu dia em tarefas duras, e que buscam nos ~~momentos~~ raros momentos de ócio um pouco de fantasia, de alegria, de divertimento.

McLuhan disse, certa vez, que o surto de guerras de independência que espoucaram no continente africano há duas décadas atrás não foi fruto



de grandes obras filosóficas sobre a necessidade de libertação. Para ele, ~~Kat~~ Trotsky, Engels, ou Jefferson tiveram muito pouca importância perto dos filmes de ~~M~~ Hollywood, que mostravam lindas deusas seminuas em faustosos banhos de espuma, cercadas de mármore por todos os lados. "Quando as pessoas viram estes banhos, ~~passaram~~ ~~sentir~~ ~~descobriram~~ descobriram um imenso universo de luxo, dinheiro, poder, e terminaram por se sentirem lesadas. A revolução, que era uma idéia abstrata, ~~transformou~~ revestiu-se de um objetivo concreto a ser alcançado: uma banheira cheia de espuma com lindas mulheres. E o mundo se libertou dos seus exploradores, porque o desejo sempre terá muito mais força que a ideologia!

Aí está. Quando a cultura se distancia do prazer - e consequentemente do ~~sensum~~ público - está criando um abismo e anunciando sua própria morte. ~~Enquanto~~ ~~isto~~ ~~está~~ ~~criando~~ ~~um~~ ~~abismo~~ ~~e~~ ~~anunciando~~ ~~sua~~ ~~própria~~ ~~morte~~. ~~Enquanto~~ ~~isto~~ ~~está~~ ~~criando~~ ~~um~~ ~~abismo~~ ~~e~~ ~~anunciando~~ ~~sua~~ ~~própria~~ ~~morte~~. Não percebe a força do desejo, ou ainda acha que o artista é muito mais importante do que o fabricante de goiabada. É preciso urgentemente aterrar o fosso que separa o garoto de 10 anos dos livros da Bienal. Ele continuará gostando de videogame, mas - através do prazer - ele irá descobrir que também os livros, mesmo inventados a seiscentos anos atrás, ainda podem trazer alguma coisa de novo e de importante. Desde que esta coisa seja dita de maneira leve, gostosa, e revigorante, como nos diz com alegria o anônimo artesão do doce de goiaba.